

CRASE

#2

Setembro - 2010

MPB-okê?

Porque nem toda música popular brasileira é considerada MPB.

A Ironia do Voto Nulo

Como descartar uma sociedade em um simples passo

Mais Estranho

Que a Ficção

A falta de transparência nos editais

As Leis Secas do Nosso País

Soluções imediatistas para problemas emergenciais

Contato. Encontros para uma vi

www.contatonucleo.com.br

da melhor.

CONTATO

Núcleo de Estudos e Aplicação da Gestalt-Terapia

ÍNDICE

p. 08 Editorial

p. 10 Literatura além da imaginação
O boom da literatura fantástica

p. 16 As **LEIS SILENCIOSAS** do nosso país
A repressão velada brasileira

p. 22 MPB-okê?
Como a MPB se tornou imperatriz da música brasileira

p. 32 A IRONIA DO **VOTO NULO**

Porque os cidadãos não devem deixar de votar

p. 38 Mais Estranho Que A Ficção

A máfia por trás da famosa lei rouanet

p. 44 **CRASE** Fernanda Slama

CONVIDA

A estilista Fernanda Slama nos dá seu parecer fazendo um *mix* de moda e política

p. 50 **AGENDA CULTURAL**

REVISTA CRASE

DIRETORIA

Direção-Geral: Dans Souza e Rafael Farah

Diretor de Criação: Dans Souza

Diretor de Redação: Rafael Farah

REVISTA CRASE

Redatores: Cadu Senra, Gui Liaga,

Emílio Farah, Nicolas Dani

Colunistas: Cadu Senra, Rafael Farah

Revisor: Melissa Cavanellas, Gui Liaga

ARTE

Diretor de Arte: Dans Souza

Diagramador: Dans Souza, Fernanda Araújo

FOTOGRAFIA

Editor-Assistente: Diego Val

INTERNET

Desenvolvedor: Dans Souza, Makerz

contato@revistacrasede.com.br



Editorial

No reino tupiniquin, a diversidade e riqueza musical são dois dos maiores tesouros da nação. De um canto a outro do Brasil, vemos dezenas de estilos diferentes sendo criados regularmente, cada um com a sua singularidade e beleza, sendo adicionados a essa amálgama sonora que é a música brasileira. O maior exemplo dessa riqueza é a nossa querida MPB, que até hoje influencia novos músicos e mantém o status de número um do Brasil. O que muitos sabem e muitos mais deveriam saber, é que a MPB não foi sempre apenas um estilo de música. A MPB já foi uma arma usada por nossos geniais boêmios e mestres de palavras para quebrar as amarras da ditadura e lutar pela liberdade de expressão. Nossa dívida para com esses músicos é muito maior do que pensamos ser.

Em época de eleição, não poderíamos deixar de falar sobre o estilo musical que nos ajudou a levantar a bandeira da democracia e nos libertar da repressão da ditadura. Nesta

segunda edição da Revista CRASE, Cadu Senra traz com maestria um pouco da história da MPB e seus principais autores para o holofote, esclarecendo uma velha dúvida: “Porque as músicas populares do Brasil não são consideradas MPB?” Entretanto, apenas noticiar o que ocorre ou ocorreu no mundo da cultura não é o suficiente para um veículo com a pretensão criativa, cultural e dinâmica da CRASE, então oferecemos a vocês mais diamantes lapidados por nossos queridos redatores, como a discussão do voto nulo - bastante frequente em mesas de bar -, a falta de transparência do governo e a temida e adorada Lei Seca, o terror dos boêmios e salvadora do trânsito brasileiro.

Em suma, mais uma vez deixamos para vocês matérias claras e transparentes, na esperança de que tenham um impacto positivo nessa maravilhosa Caixa de Pandora que são suas mentes.

Rafael Farah



Literatura além da imaginação

por Gui Liaga

Nos últimos anos, os leitores assíduos viram o seu espaço ser tomado por uma nova moda: a literatura fantástica. Goste o leitor ou não, o mercado editorial entrou

em uma fase aprofundada no gênero fantasia. Muito foi discutido - e até hoje ainda se fala - sobre o destino dos livros e, juntamente, de todo seu processo de produ-

ção durante a atualidade, onde a tecnologia impera sobre nossas vidas. Principalmente, com a chegada do iPad e dos e-books, as obras de papel poderiam contar os seus dias até a extinção - ou, pelo menos, uma brutal redução. Porém essa linha de pensamento, que para muitos parecia lógica, encontrou a sua frente um desvio e o livro pôde renovar suas forças, abrindo caminho para um novo tipo de leitor.

O verdadeiro “boom” ocorreu com a saga Crepúsculo, na qual a autora Stephenie Meyer remodelou o conceito de terror e trouxe o romantismo para seres obscuros: os vampiros. Aclamada por

jovens e adultos do mundo inteiro, a história de amor entre uma humana e um vampiro bonzinho abriu espaço para outros enredos entrarem no modismo e o tema cair em discussão. Vampiros devem brilhar ao sol ou sugar sangue de suas vítimas até a morte? Não importa qual seja o correto, o que



temos que ressaltar é a necessidade de novidade existente em todos nós e que, raramente, é perce-

bida. O que levou adolescentes de diferentes culturas a venerar a mesma história? Não só o desejo pelo inexplorado, mas, em uma sociedade moderna e mecânica - onde as relações têm ficado cada vez mais intensas e efêmeras -, o que não é possível torna-se mais interessante do que o real.

É isso que a fantasia faz, incita diferentes tipos de pessoas - criando algo em comum entre elas. A literatura fantástica também nos leva a um outro ponto do processo editorial, que se encaixa melhor no estilo capitalista e consumista de hoje, o entretenimento. Livros de seres fantásticos não são cobrados em provas, não atendem a matérias

técnicas e nem filosóficas. Eles estão ali para entretê-lo, tirar o leitor da sua vida e transportá-lo para algo inimaginável em seu mundo.

A comodidade e a crescente alienação na atual geração são fatos beneficiadores do alastramento desse gênero,

“... tem muito
livro bom
dentro desse
estilo...”

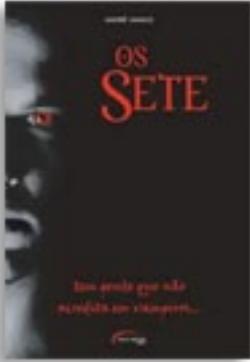
melhor viajar dentro de um livro com seres superpoderosos do que pensar em como as coisas em nossas vidas não vão bem. Não que as histórias não valham a pena, tem muito livro bom dentro



desse estilo. Aliás, no Brasil, existem autores nacionais fantásticos que aos poucos conquistam o seu espaço - como o André Vianco, um dos mais conhecidos. Editoras, grandes ou pequenas, também investem pesado no setor. A Novo Século, por exemplo, tem um vasto grupo de novos autores, a maioria no estilo fantasioso. A Giz Editorial tem quase todas as suas publicações com temas fora do comum e até a Rocco começa a acometer nesse cenário, aliás foi ela que apostou na série Harry

Potter, sem mortos-vivos, mas com muita magia.

Cabe ao leitor ter consciência do que está lendo e, o mais importante, do porquê está lendo. Todos devem ter momentos prazerosos de lazer com um bom livro, não é só de intelecto que se pode viver na literatura - o cérebro também precisa de um descanso. Mas que todos as histórias sejam construtivas e façam do leitor uma pessoa melhor em algum sentido, seja para abrir sua mente ou instigar a criatividade, sem fuga.



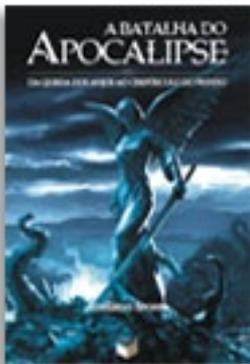
Livro: Os Sete

Autor: André Vianco

Editora: Novo Século

Simple garotos do Sul acabam por descobrir ruínas de uma antiga embarcação no fundo do mar da costa brasileira.

Autoridades descobrem ser uma caravela portuguesa e a retiram do oceano para pesquisas, mas surpreendem-se ao encontrar também cadáveres que para seu terror, voltam a vida. A trama é ótima para quem gosta de lutas, sangue e batalhas.



Livro: A Batalha do Apocalipse

Autor: Eduardo Spohr

Editora: Verus

Narra a história épica da guerra celestial. Um grupo de anjos guerreiros foi banido para a Terra depois de desafiar

a tirania de poderosos arcanjos, mas eles se encontram novamente no Apocalipse - tão esperado fim do mundo. O enredo irá passar por diversos lugares do planeta e em diferentes épocas, da Babilônia ao Império Romano; da China à Inglaterra medieval.



As LEIS SEARS do nosso país

por Rafael Farah

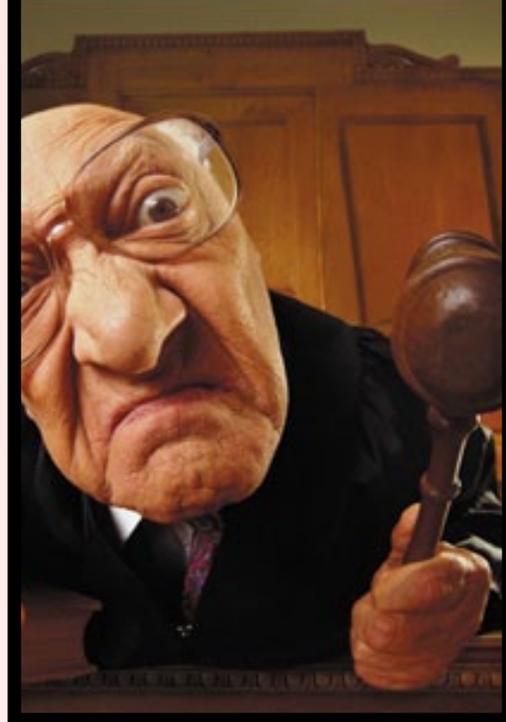
Assim como em Romeu e Julieta, a falta de comunicação ou clareza, na maioria dos casos tem consequências devastadoras e incorrigíveis, tanto para pessoas individualmente quanto para a sociedade como um todo. Mas essas situações não existem apenas em contos fantasiados, as ações governamentais brasileiras, em sua esmagadora maioria, usam de meias palavras e eufemismos, dando a população uma

falsa sensação de conhecimento e ao governo uma liberdade para agir como bem entender.

As medidas governamentais são mecanismos usados não só para preservar um território e sua população, visam também promover o processo de auto-desenvolvimento da sociedade a qual estão integradas, o que implica em ter que transformar, regular - até onde for regulável - e promover as

interações sociais desenvolvidas pela população no território sob sua jurisdição. Tendo isso em mente, espera-se que tais ações sejam exercidas de forma clara e transparente, buscando o entendimento e a compreensão da população. Mas esse não é sempre o caso. Ao invés de serem criadas medidas para educar a população, leis autoritárias e repressivas são instituídas para proibir e censurar. O exemplo mais recente é o da autoritária Operação Lei Seca, onde o pensamento de Maquiavel, de que os fins justificam os meios, está obviamente incorporado.

A Lei Seca é a operação governamental mais



eficiente dos últimos anos e vem limpando o cenário carioca dos inconsequentes condutores embriagados, que por muito tempo transformaram o trânsito em uma zona de guerra. Essa ação foi iniciada a partir da lei 11.705, apelidada de “Lei Seca”, que proíbe o consumo de bebidas alcoólicas por condutores de veículos e sujeita o transgressor a pena de

multa, remoção do veículo e, em alguns casos, a detenção. As blitzes espalhadas pelo estado do Rio - as quais como o nome sugere - foram criadas para flagrar motoristas infratores da referida lei e fazem um trabalho

“...é possível ver a falta de coerência e transparência nas operações.”

surpreendentemente bem feito, de acordo com as estatísticas oficiais. Segundo dados do governo reduziu-se em 20% a quantidade de acidentes de trânsito, só nos

primeiros meses. Infelizmente, essa mentalidade de tolerância zero pode levar a erros de julgamento. Basta um olhar mais atento e é possível ver a falta de coerência e transparência nas operações. Se a quantidade de álcool que deixa a maioria das pessoas “altas” é de 0,5%, então porque o limite de tolerância em 0,1%? Onde está a explicação científica usada para determinar tal limite? (Não importa o quão bêbado o cidadão esteja, a punição será sempre a mesma).

O rigor da lei é constantemente comparado ao das suas “irmãs” em países como Noruega e Suécia, mas existe uma pequena diferença. O sis-

“...são criadas soluções imediatistas para problemas emergenciais...”

tema de transporte público no Brasil deixa a desejar, o que não é o caso em países desenvolvidos, onde linhas de metrô vão de uma ponta a outra das grandes cida-

des. Já os boêmios brasileiros ficam à mercê das caras tarifas dos táxis ou são obrigados a esperar de madrugada por linhas de ônibus que já funcionam mal durante o dia. Como sempre no Brasil, são criadas soluções imediatistas para problemas emergenciais, enquanto as raízes destes continuam a crescer dando vida a novas adversidades.





Uma revista pra quem faz a diferença.



CRASE



MPB-okê?

Como a MPB conquistou o status de número um do Brasil e porque mantém o trono até hoje

por Cadu Senra

Muito se ouve sobre, afinal é o maior expoente de nossa música pátria, porém há muita controvérsia e incompreensão acerca de seu significado. A sigla MPB é alvo de ampla discussão por dar margem a interpre-

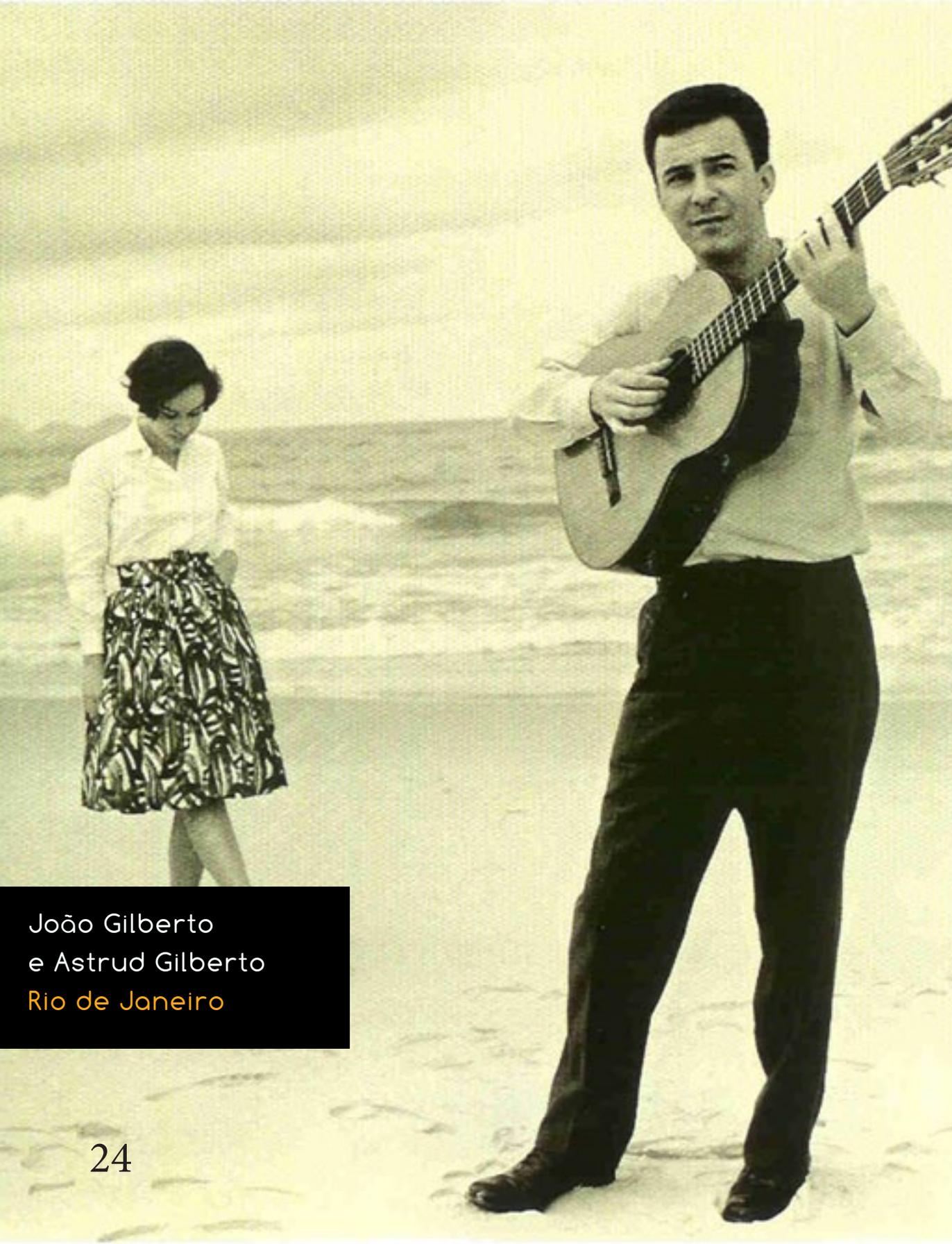
tações que seriam contrárias à imagem que formamos dela ao longo dos anos. O que realmente se encaixa em suas características? Se analisarmos friamente, MPB é a sigla de Música Popular Brasileira, o que significa que é

um tipo de música feita no Brasil, bem conhecida e difundida popularmente. Certo? Simples?

Vamos à polêmica: Parangolé, aquela banda que emplacou o sucesso “rebolation”, é música brasileira, é conhecida e adorada em alguns nichos populares, mas é MPB? Luan Santana é a nova febre do momento, muitas vezes chamado de Justin Bieber brasileiro, é música da nossa terra e o povo adora - em especial as adolescentes - é MPB? Afastando-nos um pouco para as periferias e morros encontramos a Gaiola das Popozudas, seu ritmo é igualmente produzido em verde e amarelo, os marmanjos enlouque-

cem e as meninas rebolam até o chão, mas é MPB?

A resposta é um grande e sonoro, NÃO! Todos os citados acima são parte da chamada “Música do Brasil”. Somam-se a eles as músicas folclóricas regionais, e tudo mais que for produzido no solo da antiga terra de Vera Cruz. Já a MPB, além de ser um estilo musical, foi muito além das barreiras radiofônicas, sendo um forte e eficaz instrumento de rebelião política quando o Brasil mais precisava; na ditadura. Formou-se a partir de várias mudanças ocorridas na Bossa Nova na metade da década de 60 e, apesar de ser muito abrangente, não agrega nenhum dos



João Gilberto
e Astrud Gilberto
Rio de Janeiro



ritmos lembrados no parágrafo anterior.

As Origens

Uma das maiores influências e primeira tendência da MPB, A Bossa Nova surgiu na Zona Sul do Rio de Janeiro, lar de todos os boêmios dos anos 50. Seus criadores, inclusive, carregavam com orgulho esse título. Por serem membros da burguesia, tinham maior contato com o mundo exterior e acesso ao material musical estrangeiro, o que facilitou bastante a criação do estilo, que era um samba tocado com os clássicos acordes do jazz americano. Some-se a isso, claro, o incrível dom com as palavras dos incor-

rigíveis poetas boêmios.

Em tempos de eleição, vale à pena homenagear àqueles que lutaram por nossa liberdade e sofreram com as consequências de sua luta.

Os Festivais

Após a Revolução de 1964, como todos sabem ou deveriam saber, os militares assumiram o comando do Brasil com a proposta de limpar toda a sujeira e corrupção lá existente. Se isso aconteceu ou não, é uma outra história. Todavia, o que vimos de fato, foi um Brasil oprimido e sufocado pelo abuso de poder exercido pelos governantes. O silêncio tentou se instau-



Futuros ícones contra a ditadura

rar, mas nossos artistas se recusaram e fizeram música de toda a situação. Os festivais da Música Popular Brasileira foram, sem dúvida, o marco inicial do movimento. Apresentado por várias emissoras desde 1965, esse evento era o palco da nova geração de músicos advindos da bossa nova, formando assim a sua 2ª geração. Por ser apresentado em rede nacional,

obviamente o programa era revisado e avaliado pelos temidos Censores, que analisavam todo o conteúdo apresentado – incluindo letras de música – para avaliar se o mesmo estava apropriado e de acordo com os preceitos ditatoriais regentes. Por isso, nossos inspirados artistas eram obrigados a usar de muitos artifícios linguísticos – os chamados “tropos” – para passar suas mensagens de protesto sem dar na vista de seus observadores, que estavam sempre ávidos por um deslize.

Nesse ínterim, no final da década, surgia no Nordeste do país outra vertente muito importante do movimento: A Tropi-

cália. Tendo a frente os baianos Caetano Veloso e Gilberto Gil, ela buscava um modernismo tardio e se inspirava nos ideais da semana de arte moderna de 1922. Tudo isso se torna muito claro ao ouvir seus idealizadores falando, sempre prolixos, porém geniais. Seus integrantes possuíam uma forte preocupação com uma

nova estética musical, o que os levaram a agregar guitarras elétricas em suas melodias. Esse fato foi muito criticado na época, pela guitarra se tratar de um instrumento estrangeiro e, portanto, na visão de alguns radicais, contra a nacionalidade almejada na época. Em teoria, sua intenção não era se envolver dire-



Caetano Veloso
III Festival de Música
Popular Brasileira

tamente com ideais políticos, já que a estética revolucionava por si só. Isso evidentemente não se concretizou. É só prestar atenção na música tema do disco - manifesto do tropicalismo, “Panis et Circenses”. A tradução, pão e circo, era uma crítica ferrenha ao governo, que tentava alienar o povo, dando pão - a comida distribuída pelo programa do governo americano “Aliança para o Progresso” - e circo - A TV censurada - ao povo.

“Após serem presos e terem seus cabelos raspados...”

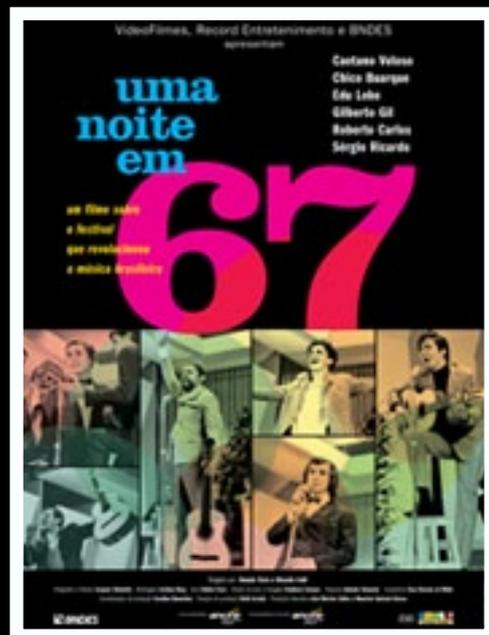


Exílio sob o Big Ben

Exílio

Com o passar dos anos, a censura e os seus agentes estavam ficando cada vez mais fora de controle. Até as músicas que continham algum teor sensual eram ceifadas dos álbuns. Com isso, os artistas mais visados estavam cada vez mais encurralados. Encontravam-se impedidos de

lançar suas obras primas, o que decepcionava não só a eles como aos fãs. Alguns músicos, como Chico Buarque, foram forçados a usar pseudônimos para poder obter a aprovação de suas canções. Personalidades como Gil e Caetano foram forçados ao exílio. Após serem presos e terem seus cabelos raspados, partiram em direção ao velho continente onde puderam abrir suas bocas de novo. Outros incontáveis casos tiveram o mesmo rumo. Em 1975, finalmente a censura abrandou e os exilados puderam retornar ao Brasil. A melhora foi gradativa, mas possibilitou um grande boom da MPB na década de 80.



O filme Uma Noite em 67 retrata o dia 21 de outubro de 1967, a noite em que gigantes como Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil, Roberto Carlos e os Mutantes se enfrentaram no festival, levando-o para a história da música popular e da cultura brasileira.



Herança

É muito importante que olhemos nosso passado e exaltemos o que tenhamos para exaltar, e aprendamos com o que há para se aprender. A MPB se difere dos demais estilos de “Música do Brasil” não só pelo primor em qualidade de música e mensagem passadas ao povo, mas também pela luta e irreverência de seus participantes em frente às dificuldades.

Temos que valorizar a liberdade que nos foi conquistada a custos altíssimos e coibir energicamente medidas que ferem tudo aquilo pelo que lutaram os nossos ícones. Não deixaremos, por exemplo, a recente medida que impedia os comediantes de parodiarem os Candidatos políticos estragar tudo o que foi construído. Devemos isso a ela.

Obrigado MPB.



MIKA

Tornou-se um ícone do pop desde o seu primeiro cd, *Life in Cartoon Motion*, lançado pela Universal em 2006. Vale à pena conferir seu novo trabalho, que apesar de soar como uma continuação, mostra mais maturidade.

Álbum destaque:

The Boy Who knew too much
(Universal - 2009)



Rockted

Rock Alternativo/ garagem

Álbum:

El dorado
(Independente)



Caetano Veloso e Gilberto Gil

MPB?

Álbum/manifesto:

Tropicália ou Panis et Circenses



A IRONIA DO VOTO NULO

A responsabilidade de todos para com
uma sociedade democrática.

por Emílio Farah

Tendo em vista esta época de eleições seria indesculpável que deixássemos passar em branco evento de tal magnitude sócio-política do país. De qualquer modo, utilizando como exemplo os discursos maravilhosamente elaborados pelos candidatos no horário gratuito, poderia se chegar à conclusão que deveria

terminar por aqui o tema político. Manter-se-ia, assim, congruência com a narrativa e o desenvolvimento mental que nos são trazidos nestes espasmos democráticos.

Mas democracia é isso, um eterno e intermitente andar soluçante, algumas vezes os soluços acentuam-se em con-

vulsões, nestes casos vemos a queda do Franquismo, após 37 anos na Espanha, ou a revolução dos Cravos, terminando com o Salazarismo de 41 anos em Portugal. De toda sorte que a democracia se manifesta em ciclos de maior ou menor intervalo e intensidade, destes ciclos é que se extraem a pólvora e o estopim para qualquer movimento social.



Mas como seria isso? Bom, o certo é que quanto mais espaçados são os ciclos, maior é a intensidade de sua manifestação, assim a boa, velha e confiável matemática demonstra a existência de uma relação inversamente proporcional e de grandeza geométrica. Quer dizer, quanto mais tempo o povo se mantém afastado, voluntariamente ou não, do processo de escolha, mais intenso ou explosivo é o seu retorno ao controle.

Não seria surpresa alguma o leitor se sentir confuso até agora, talvez se perguntando o que isso teria a ver com ele. A resposta seria tudo e provavelmente, nesta

ordem. Todos temos a ver com isso, pelo simples fato de que ao se omitirem ou votarem nulo ou em branco, as pessoas se afastam cada vez mais do seu direito inalienável, irrenunciável e outros “áveis” de escolha, de controle, de cidadania e, ao fim, de soberania. Quando alardeamos, orgulhosos, que não vale a pena, que é tudo igual, estamos nos nivelando a eles, estamos aceitando

atuar com o pensamento alheio, que, salvo honrosas ressalvas, prima em nos mostrar as mazelas do “ser humano” como se fossem regras e não meras exceções.

O que dizer quando uma pessoa se enleva frente aos amigos vangloriando-se que votará nulo ou justificará sua falta? Aposte na sobrevivência como maior argumento. Aponte que a opção passa

Tiririca
Candidato ou
humorista?



por querer ou não uma vida em sociedade e que fora dela é a lei da selva, e, cá entre nós, que fique claro, somos e sempre seremos peixes miúdos, aquele que se acha um predador não tem ideia da ferocidade que corre nas veias dos tubarões que nadam acima e abaixo de nós. A única e tênue linha divisória e protetiva é esta mesma sociedade que alguns acham por bem renegar.

Portanto caro leitor, quando for votar nulo ou etc, pense nesta linha sendo paulatinamente corroída, gradativamente se esvanecendo, veja a bocarra que os espera acima e abaixo antes de criticar por criticar, de



não fazer porque seu esforço não resolve, de culpar o outro pelas suas falhas. Então, aproveite a facilidade de comunicação instantânea, convoque seus amigos, encontre seu espaço, mostre sua bandeira, pois sempre existirão outros com pensamentos convergentes ao seu, que só esperam um começo para...

COMEÇAR



Transparência Brasil

Salve a internet! Ferramenta rápida e prática, onde achamos mentiras cabeludas e verdades inusitadas e, é nesse espírito de verdades e mentiras que apresentamos para vocês o site Transparência Brasil (TB). O TB foi criado para ajudar cidadãos a monitorarem as institui-

ções brasileiras, contendo bancos de dados sobre desde parlamentares até presidentes. O site pode parecer um tanto confuso de início, mas a curva de aprendizado é bastante curta. Divulguem não só a revista como o TB, que é uma ferramenta importantíssima contra a corrupção.

www.transparencia.org.br





Mais Estranho Que A Ficção

A mão que balança a economia

por Nicolas Dani

Teoricamente em ano de eleição paramos para analisar o que se passou, o que foi concretizado, e assim avaliamos se as promessas foram cumpridas ou não para então decidir em quem votar para governar durante os próximos anos. Entretanto o próprio governo não apresenta a clareza necessária para esse tipo de avaliação. No mercado cinematográfico brasileiro temos condições parecidas de apoio à produção, as películas são

patrocinadas através de editais graças a famosa lei federal de incentivo à cultura, a Lei Rouanet.

A lei instituiu o Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC), o mesmo:

“...canaliza recursos para o desenvolvimento do setor cultural, com as finalidades de: estimular a produção, a distribuição e o acesso aos produtos culturais; pro-

teger e conservar o patrimônio histórico e artístico; estimular a difusão da cultura brasileira e a diversidade regional e étnico-cultural, entre outras.”

A lei surgiu para educar as empresas e cidadãos a investir em cultura e, inicialmente daria incentivos fiscais, pois com o benefício no recolhimento do imposto a iniciativa privada se sentiria estimulada a patrocinar eventos culturais, uma vez que o patrocínio além de fomentar a cultura valoriza a marca das empresas junto ao público. No entanto ao invés de investir diretamente no setor, o governo deixou as pró-

prias empresas decidirem a forma de cultura a ser patrocinada, o que tem gerado uma nova ordem que ao invés de desenvolver e projetar o melhor da nossa cultura tem ensinado as instituições a fazer propaganda gratuita. Outra crítica e não menos importante inclui a possibilidade de fundos serem desviados inapropriadamente.





Uma fonte no mercado teatral revelou que seu diretor obteve um patrocínio dos Correios. Um investimento de trezentos mil reais (R\$300.000,00) para desenvolver e realizar um musical sobre a vida de um ícone da televisão brasileira. Sua assistente de produção, após uma briga com tal diretor comentou que o espetáculo custava

em torno de sessenta e quatro mil reais, 20% do valor do investimento, valor que poderia gerar no mínimo mais quatro produções culturais para o nosso país.

A hiper-valorização e super-faturação não são novidades no reino tupiniquim. São comuns as atrocidades no sistema público, medidas vergonhosas para a nossa sociedade. Entra ano e sai ano de eleição e sempre aparece um cidadão querendo privatizar tudo e todos. Dificilmente essa seria a solução para todas as companhias. O que precisamos é de transparência, não só nas contas - pois isso é fácil de se resolver, o

que mais tem é nota fiscal fria no mercado. Precisamos de fiscalização não só nos orçamentos, mas também para identificar possíveis laranjas no lado do governo. Os incentivos da União à cultura somam 310 milhões de reais: 30 milhões para a Funarte e 280 milhões para a Lei Rouanet (porcentagem investida diretamente pela União), enquanto o incentivo fiscal retira dos cofres da União cerca de um bilhão por ano.

Em 2010 a Lei Rouanet deve sofrer mudanças. O projeto já foi enviado ao Congresso pelo Governo. Dentre as principais mudanças está a criação de um fundo de R\$ 800 milhões gerado pelo Minc, e também uma contrapartida de pelo menos 20% de recursos próprios das empresas nos projetos (atualmente a lei isenta totalmente os investimentos).

Seriam essas medidas o suficiente para uma mudança radical na nossa educação cultural? Ou novamente nos deparamos com soluções superficiais para problemas emergenciais?

PROMOÇÃO
Martelo de ouro
Por apenas
R\$ 999,90





A Origem (EUA, 2010)

Dom Cobb (DiCaprio) é um ladrão habilidoso, o melhor de sua geração, que extrai segredos valiosos das profundezas do inconsciente durante os sonhos, quando a mente está mais vulnerável. Sua rara habilidade o tornou peça fundamental no traiçoeiro mundo da espionagem industrial, mas também o tornou um fugitivo internacional e o fez perder tudo o que mais amava.



Gran Torino (EUA, 2008)

O funcionário aposentado da indústria automotiva Walt Kowalski (Eastwood) é um veterano da Guerra da Coreia. Inflexível e com determinação inabalável, vive num mundo em transformação e se vê forçado pelos vizinhos imigrantes - que acabam de se mudar, vindos do Laos - a confrontar seus próprios preconceitos.



Fernanda Slama é uma estilista inovadora e criativa, botafoguense de carteirinha e amante da Cidade Maravilhosa. Convidada pela CRASE para a inusitada tarefa de misturar moda com política, Fernanda encarou o desafio e com bastante irreverência nos mostrou que um nem sempre anda separado do outro.



Era uma sexta-feira quando recebi o convite de um grande amigo para voltar a escrever “jornalisticamente”. O seguimento não me surpreendeu: Moda, falarás de moda – ele disse.

Mais que rapidamente um sim ele ouviu e mais rápido ainda ele já foi logo dizendo: O que acha de falar sobre a moda na política, assim só pra começar? Então cá estou eu, tentando

escolher meus candidatos, opa, meus personagens para a minha colaboração.

Entrei em algumas discussões políticas interessantes nestes últimos tempos e percebi que a política está mesmo na moda. O assunto não mais pertence aos mais velhos sempre temerosos com o futuro e relembrando o passado. Nem dos absolutamente partidários, com suas escolhas petistas, tucanas e mais tantas outras divisões em suas paletas de cores nada high light. Tão pouco só dos burgueses, com suas garrafas de vinho e castelos de vidro no alto de arranha-céus das grandes capitais do país - que by the way são lindas -, perfeitamente decoradas e altamente bem freqüentadas.

Ok, ok, eu estive em uma dessas “festas partidárias” há pouco tempo. “Sô chique, bem!” Me dá licença? Minha gente, puro luxo. O mais interessante é que o maior objetivo era a política mesmo, mais até que os comentários do brilhante buffet do Zazá Bistrô e as deliciosas caipirinhas de tangerina com hortelã. Tanto os que votam no avatar do Lula, quanto os que “metem a Serra” nos verdes da Marina, todos

ali, conversando sobre o assunto da moda: As Eleições 2010.

Será que daqui a pouco camisetas políticas velhas, hoje usadas com muito lustre móveis em cima de belos Home Theaters vão estar bufantes com uma linda saia de cintura alta? Frases como: La, lá, lá, Brizoláaaaaa!, são o novo Vintage? Juro, não acho difícil!

Me aprofundando no assunto, que Jackie O. me desculpe, mas como não falar nela? Uma das mulheres mais bem-vestidas do mundo segundo a revista Vanity Fair, já foi capa da revista de moda Vogue; Michelle Obama rocks! O que foi aquele vestido roxo com cinto preto que usou quando o marido obteve a indicação a candidato presidencial pelo Partido Democrata. Que colar era aquele? I loved it!

Depois dele uma seqüência de estilistas, famosos ou não, tiveram o prazer de vestir aquele corpicho! Dos cubanos Isabel Toledo à Narciso Rodríguez, até o na época pouco conhecido Jason Wu, americano de ascendência Chinesa. Michelle fez as mulheres "Opraholics"

pararem sua escova marroquina semanal para assisti-la acompanhar elegantemente o então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama.

Se esse for um bom mote para algumas pessoas prestarem mais atenção na política do país, meu primeiro voto é que dona Dilma arrase num lindo vermelho Valentino, José Serra inove num blazer Paul Smith e, que Marina use peças confeccionadas com tecidos reciclados da E-Brigade, andando por aí com estampas que difundem pontos importantes da luta mundial pela defesa do meio ambiente.

Não sei se consegui falar sobre “moda na política” como me foi pedido, mas que eu falei muito, ah isso eu falei!

Consegui achar até uma “moda politizada” no meio dessa minha bagunça mental cotidiana. Sabe o que falta? Mais jovens revolucionários. De ideias que mudem o nosso mundo como esses que eu encontrei. Continuariam eles caminhando contra o vento? Será que eles estão fora de moda?... Uma pena!

Projetos só são
projetos quando
seguidos de uma
ação.

Do contrário são
apenas idéias.

MAKERZ

www.makerz.com.br

AGENDA CULTURAL

Festivais

Festival Faro MPB

O Grupo Matriz, promove a 1ª edição do festival 'Faro MPB' para celebrar os 10 anos da brasileiríssima rádio MPB FM. Diversos artistas de talento farão a noite ficar ainda mais brasileira.

Teatro Odisséia

16 a 18 de Setembro
Às 22h
Av. Mem de Sá, 66
Lapa - RJ
tel.: (21) 2224-6367

Festival de Jazz

Em setembro quem for para a Serra da Mantiqueira irá ouvir mais do que o som das águas nas cachoeiras. O tradicional Jazz Clube terá convidados ilustres.

Pousada Terra da Luz

03 a 25 de Setembro
Reta Maringá - Minas, s/nº
Visconde de Mauá
tel.: (24) 3387-1545

Shows e Concertos

Diana Krall

A cantora canadense, considerada um dos nomes mais importantes do jazz contemporâneo, chega à cidade para realizar o show da turnê Quiet Nights.

Oi Casa Grande

20 de setembro
Às 21h
Av. Afrânio de Mello Franco, 290
Leblon - RJ
tel.: (21) 3114-3716 / 3114-3712

Casuarina e Maria Rita

Atual vencedor do Prêmio da Música Brasileira como “melhor grupo de samba”, o grupo recebe a cantora Maria Rita e mostra canções do disco MTV apresenta: Casuarina.

**Fundição
Progresso**
10 de setembro
às 24h
R. dos Arcos - 24
Lapa - RJ

Teatro Os 39 Degraus

39 Graus é uma comédia de suspense maravilhosamente criativa e emocionante, parada obrigatória para qualquer amante do teatro. A peça está em cartaz em SP, e vale a pena conferir.

Teatro Frei Caneca
até 28 de
Novembro
Rua Frei Caneca,
569 - 6º andar SP
tel.: (11)3472-2229

Dança Grafismos

Novo projeto de Paulo Caldas reúne, dança contemporânea, balé clássico, dança de rua, vídeo instalação e videodança em apresentações gratuitas

**Caixa Cultural -
Galeria 1**
10 a 26 de
setembro
Sábados e
domingos
Rua Almirante
Barroso, 25 -
Centro - RJ

CRASE